

Teo  
Lite  
rária



Arquivo recebido em  
12 de junho de 2015  
e aprovado em  
13 de julho de 2015.

V. 5 - N. 9 - 2015

\* Professora de Língua e Literatura Espanhola, graduada pela Universidade Federal de Santa Catarina, doutoranda em Tradução pela mesma universidade.

\*\* Professora de Língua e Literatura Portuguesa, graduada pela Universidade Federal de Santa Catarina, mestranda em Literatura pela mesma universidade.

•DOI - [10.19143/2236-9937.2015v5n9p246-253](https://doi.org/10.19143/2236-9937.2015v5n9p246-253)

## Dom Pedro II: Um tradutor Imperial

Romanelli, S; Soares, G. N.; Souza, R. de. (Orgs.). Dom Pedro II: Um tradutor Imperial, Tubarão: Ed. Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013., 260p.

*Elaine Cristina Reis Martins\**

*Patricia Leonor Martins\*\**

**A** obra recém-publicada, intitulada *Dom Pedro II: Um tradutor Imperial* apresenta as análises dos manuscritos das traduções realizados pelo segundo Imperador brasileiro para o português das obras *As mil e uma noites* (do árabe), *Hitopadesa* (do sânscrito), *A Divina comédia* (do toscano), *La Araucana* (do espanhol) e *Il cinque maggio* (do italiano). Escrito e organizado por Noêmia Guimarães Soares, Rosane de Souza e Sergio Romanelli, com participação de Romeu Porto Daros, Adriano

Mafra, Ana Maria Sackl e Rosana Schmidt, o livro traz uma rica contribuição para a compreensão do poliglota e notável tradutor Dom Pedro II. Na obra, resgata-se a profícua atividade de tradutor de um dos mais importantes personagens da história brasileira.

O livro, organizado por três especialistas em estudos genéticos aplicados ao processo tradutório, é o primeiro volume das pesquisas desenvolvidas, nos últimos cinco anos, por membros do NUPROC (Núcleo de Estudos de Processos Criativos da UFSC). A obra está dividida em cinco capítulos. A saber:

No primeiro capítulo, Rosane de Souza aborda a primeira tradução direta do original árabe das *Mil e Uma Noites*, para o português, realizada por Dom Pedro II; narrativas que têm sua origem nos contos populares do Oriente Médio. A edição em língua árabe utilizada para a tradução pelo monarca foi o de Breslau, publicada na Alemanha em 1825. Entretanto, a versão mais conhecida do texto das *Mil e Uma Noites no Ocidente* é a que foi traduzida pelo orientalista Antonie Galland. Souza teve acesso à tradução feita pelo Imperador de 84 noites da obra. O primeiro caderno estudado data de 21 de janeiro de 1890 e traz da 36ª à 69ª noite. Já o segundo, iniciado em 10 de julho de 1890, contém o final da noite 69ª e termina na 120ª noite. A última página é assinada em 9 de novembro de 1891, menos de um mês antes da morte de D. Pedro II, no dia 5 do mês seguinte. Segundo a pesquisadora, ainda faltam ser encontrados os manuscritos que contêm as traduções do prólogo até a 35ª noite. Souza apóia sua análise nos estudos da Crítica Genética (CG) e nos Estudos Descritivos da Tradução (EDT), por entender que ambos possuem o mesmo paradigma, e que reconstitui de forma empírica o processo criativo de D. Pedro II. Mas, para que isso fosse possível, a pesquisadora precisou verificar quais os parâmetros seguidos pelo tradutor, realizando o cotejo entre as traduções de D. Pedro II e a de Mamede Jarouche. Segundo Rosane, D. Pedro II seguia uma linha de tradução alemã, do século XIX. Ele procurava aproximar o leitor do autor, mantendo assim o estilo original do texto, ignorando a estrutura da lín-

gua portuguesa. O que fica evidente em sua pesquisa é que Dom Pedro II utilizava a tradução como forma de aprendizagem e, até mesmo, como fonte de prazer. Não havia uma intenção implícita de publicação. Seu trabalho de tradutor procura aproximar o leitor da obra e, segundo Souza, o Imperador era um amante da cultura oriental e por isos em seu processo tradutório mantém tudo, até as características de linguagem do texto original.

Escrito por Adriano Mafra, o segundo capítulo trata da questão dos nomes próprios na tradução da obra *Hitopadesa*, um dos textos mais populares da literatura hindu. Traduzida por D. Pedro II, a obra é composta por uma coletânea de 43 histórias, originalmente escrita em sânscrito, provavelmente do ano de 1373. Guiado pelo Dr. Koch e por Karl Henning, respectivamente, mestres em hebraico e sânscrito, o Imperador D. Pedro II dedicava-se a esta atividade de tradução. No final do século XIX, D. Pedro II viaja por duas vezes ao Oriente Médio, onde busca exercitar os seus estudos. Segundo Mafra, autor da pesquisa em questão, a obra *Hitopadesa* divide-se em quatro seções, sempre precedidas por uma espécie de prefácio e de uma nota introdutória, compostas por uma série de contos, apólogos e fábulas. Na língua portuguesa existem duas traduções, ambas do século XIX. D. Pedro II é o tradutor da primeira versão em português da obra, sob o título *Hitopadeça*, traduzida durante o exílio da família imperial, no ano de 1891. Já, a segunda tradução fora realizada pelo religioso Monsenhor Sebastião Rodolpho Delgado em 1897, sob o título *Hitopadexa* ou *instrução útil*. A pesquisa realizada por Mafra analisa a primeira versão em português, a tradução feita por D. Pedro II, cujos manuscritos autógrafos do livro *Hitopadesa*, utilizados na investigação, estão guardados junto ao Museu Imperial de Petrópolis- RJ. Segundo o autor, a obra está dividida em quatro seções, a saber: *Aquisição dos amigos*; *Separação dos amigos*; *Guerra e Paz*. No entanto, o pesquisador observa em modo específico o tratamento depreendido por D. Pedro II aos nomes próprios durante sua tradução. Para tal, o pesquisador utiliza o conceito de *nome* descrito por Nord (2003) e

Fernandes (2004) (pág. 107), que define o referente como uma pessoa, um animal, lugar ou objeto. Mafra infere que a preocupação de D. Pedro II nessa categoria era intensa, pois ele não se contentava em apenas transcrevê-los ou adaptá-los à língua portuguesa. O Monarca procurava traduzir os nomes próprios e por vezes (re)traduzi-los quando se deparava novamente com o nome. Para confirmar tal feito, Mafra apresenta diversas passagens nos fólhos, tais como ocorre com a tradução do nome do leão Pingalaka (rei da floresta enganado por dois chacais) (p. 110):

“[D02 F04]

Nesta floresta Pingalaka (ruivo)

de nome leão (sinhá; talvez de sah; εxω) [...]

[D02 FI4]

[...] com espanto como de pingalaka (avermelhado; pingala= avermelhado; suf. ka) áximidade ido [...]

[D02 F23]

[...] D’este a hospitalidade tendo feito introduzindo Pingalaka (fluvas; talvez de pingo [...])”

Evidenciando assim, segundo o pesquisador, que “a tradução se atém ao processo de formação de palavras, e os resultados se sustentam nas análises da raiz e do sufixo da palavra em questão, sugerindo uma composição por aglutinação.” (p. 110)

A análise realizada fora baseada no suporte metodológico da CG, a qual proporciona ao leitor um aporte para entender a postura de tradutor de D. Pedro II. Nela é possível revisitar, como afirma o autor, os caminhos percorridos pelo monarca na configuração de seu texto.

O capítulo seguinte, o terceiro, escrito por Romeu Porto Daros, apresenta o estudo de um episódio da obra a *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, cuja tradução fora realizada pelo segundo Imperador do Brasil. A pesquisa depreendida por Daros, busca estudar o processo criati-

vo que se dá durante o ato tradutório de poemas. Esta é fundamentada, teórica e metodologicamente, nos princípios da CG, na Teoria dos Polissistemas e nos EDT. Dom Pedro II traduz duas histórias brilhantes da *Divina Comédia*, a história de amor de Francesca de Rimini, Canto V do “Inferno” e a morte do conde Ugolino e de seus filhos, canto XXXIII do “Inferno”. As traduções são publicadas na segunda metade do século XIX, em Petrópolis, no ano de 1889, no livro de poesias e traduções do Imperador. No entanto, o pesquisador teve acesso apenas à segunda edição do livro, publicado em 1932. Utilizou-se da técnica de pesquisa histórico-bibliográfica na composição de um dossiê genético. O qual está composto por: 13 fólios dos manuscritos digitalizados da tradução do episódio de Francesca da Rimini; uma cópia digitalizada de partes do diário pessoal de D. Pedro II e uma carta de D. Pedro II à atriz italiana Ristori. O pesquisador ressalta, porém, que provavelmente ainda existam outros documentos referentes a esse processo de tradução do Imperador.

Daros relaciona a tradução de D. Pedro II com as realizadas por alguns autores brasileiros que possam ter influenciado o monarca. No entanto, o autor afirma que não se tem dados suficientes para garantir se houve ou não essa influência, e que se faz necessária uma busca mais aprofundada sobre a vida do Imperador. Sua pesquisa aponta que D. Pedro II já conhecia muito bem os textos que traduziria da *Divina Comédia*. Ao analisar o processo das traduções realizadas por ele é possível verificar que houve poucas alterações, pois o manuscrito definitivo está muito próximo da primeira versão, embora houvesse várias rasuras nos manuscritos. Acredita-se que o esforço realizado por D. Pedro II foi pela busca da melhor métrica, melhor estética e poética.

No quarto capítulo da obra em questão, Ana Maria B. C. Sackl utiliza-se também do embasamento teórico da CG e da EDT para analisar as implicações culturais da tradução do espanhol para o português do poema épico *La Araucana*, de Don Alonso de Ercilla e Zuñiga (1558), realizada por Dom Pedro II. A pesquisadora utiliza um fragmento importante dessa tradução em que é descrita a luta pela conquista do Chile

pelos espanhóis. Os poemas que constituem o *corpus* da pesquisa de Sackl, encontram-se no IHGB do Rio de Janeiro, e também na seção de obras raras da Biblioteca Nacional da mesma cidade, que pertenceram à Biblioteca Imperial de Dom Pedro II. Sackl tem um cuidado especial com o seu leitor, quando apresenta uma breve contextualização da obra original analisada. Esta é dividida em três partes: uma advertência, uma introdução, um prólogo e um glossário, identificando-a como propriedade da *Biblioteca Selecta de Autores Clásicos* (sic). Sackl proporciona em sua pesquisa o entendimento da coerência de D. Pedro II com os ideais românticos europeus. Revela a “voz performática do tradutor” quando o aponta, nas análises constantes nas páginas 196-198, como um tradutor que respeita a morfologia e a semântica do poema. Já, para nos permitir, segundo a pesquisadora, “escutar a voz do autor”, D. Pedro II acrescenta adjetivo em versos, alterando a fórmula da rima para manter uma “harmonia semântica e sonora com o texto fonte” (pág. 197). Sackl, para fortalecer a sua análise, cita Passos (2011) que afirma (p.198):

Na perspectiva valeriana, somente no manuscrito, e na sua “leitura”, é possível aproximar-se da “purê saisie Du sensible verbal”, da “instance singulière Du discours”. Contudo ao ler com os olhos, só se capta a inércia do escrito. É preciso ler com o ouvido.[...] De certa forma, é procurar uma voz enunciativa para reviver a linguagem tal como a viveu o escrito no seu ato escritural.

Fica assim evidenciado, no quarto capítulo da obra *Dom Pedro II: Um tradutor Imperial*, que a tarefa depreendida como tradutor do monarca brasileiro fora desafiadora e enriquecedora, pois as características da criação e das escolhas lexicais e sintáticas denotam a *performance* do papel de intelectual do Imperador.

No quinto e derradeiro capítulo deste livro, Sergio Romanelli e Rosana Adreata, apresentam ao leitor uma análise de outro processo tradutório desenvolvido por Dom Pedro II. O foco principal da pesquisa neste caso é a tradução do Imperador brasileiro da ode “*Il cinque maggio*”, de Alessandro Manzoni. Traduzida do italiano para o portu-

guês em 1851, retomada em 1869 e em 1871, sendo esta última a única versão encontrada no Museu Imperial de Petrópolis. Neste período, D. Pedro II estabeleceu intenso contato, por cartas, com o autor Alessandro Manzoni. Para o embasamento da análise apresentada na pesquisa os autores fazem uso do pressuposto teórico-metodológico da CG e dos EDT. Utilizaram duas versões da ode, uma de Dom Pedro e outra do Barão da Barra (os documentos encontram-se, segundo os pesquisadores, no Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis). Dessas traduções foram feitas sucessivas análises e o cruzamento dos dados encontrados nas cartas trocadas entre o monarca brasileiro e Manzoni. Para os pesquisadores, a compreensão do complexo processo de tradução do Imperador e a identificação dos elementos que determinam os fenômenos literários, revelam a importância e as contribuições das traduções literárias na constituição de uma literatura nacional. O fato é que o desenvolvimento da história cultural literária de uma nação, como citado por Adreatta e Romanelli, enfatizando Even-Zohar (1978), passa também pelas traduções de obras de outras nacionalidades: “os elementos linguísticos e culturais de um país são transpostos ao serem traduzidos, e dessa forma, acontece a importação de novos modelos textuais”. (p. 208). A ode exaltando as glórias de uma nação, no caso “*Il cinque maggio*”, serve como modelo, porque, mesmo nos romances de glória e honra estas questões já eram recorrentes nos personagens indígenas brasileiros.

A comprovação do respeito que D. Pedro II mantém das versões originais ao traduzi-las, identifica-o como conservador em relação às opções lexicais, demonstrando uma característica da tradução de sua época. Para os pesquisadores, a atividade de tradução do monarca é uma contribuição para a educação literária nacional e o fato de a ode ter sido publicada no Brasil e no exterior, reforça, ainda mais, a intenção e o compromisso do Imperador na construção de um patrimônio literário brasileiro.

É possível inferir-se aqui, diante dos resultados da pesquisa em

questão, que, muito provavelmente, Dom Pedro II queria superar as limitações de seu tempo, procurando modelos para contribuir na formação cultural nacional.

Ao ler os capítulos apresentados na primeira edição do livro *Dom Pedro II: Um tradutor Imperial* pode-se afirmar que é preciso olhar para a nossa história, e perceber que o segundo Imperador brasileiro foi um exímio tradutor, merecedor de respeito e atenção literária. Os pesquisadores do NUPROC (Núcleo de Estudos de Processos Criativos-UFSC) trouxeram ao campo do conhecimento da tradução literária um olhar intelectual sobre a contribuição de Dom Pedro II na formação do Brasil.

Após o percurso pelos capítulos do livro podemos dizer que a obra em questão é ferramenta útil, diríamos fundamental, para os estudiosos da área, experientes ou iniciantes, pois a abordagem geral das traduções serve para enriquecer as reflexões dos especialistas e abrir caminhos que possam fomentar futuras pesquisas.